

PAULINA CHIZIANE E CONCEIÇÃO EVARISTO: A ESCRIVÊNCIA EM SUAS OBRAS

Joyce Maia de Barros¹

Josyane Malta Nascimento²

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura crítica e comparada entre o poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres” de Conceição Evaristo, que foi referenciado no ano de 2020 no álbum da cantora Luedji Luna, e o ensaio “Eu, mulher por uma nova visão de mundo”, de Paulina Chiziane. A partir da perspectiva da autoria feminina, investigamos os elementos que evidenciam a *escrivência*, conceito criado por Conceição Evaristo para designar a escrita que é *perpassada* pelas vivências de quem escreve. Nosso objetivo geral foi mostrar, partindo da leitura das obras das autoras, como as experiências de vida, mesmo em lugares diferentes, se manifestam em suas escritas, apresentando traços de aproximação. Para isso, utilizamos dos *pensares* de Evaristo (2008), ao propor a *escrivência*.

Palavras-chave: Literatura de Moçambique; *Escrivência*; Literatura Afro-brasileira; Mulheres Negras.

ABSTRACT

This work proposes a critical and comparative reading between the poem “A noite não adormece nos olhos das mulheres” by Conceição Evaristo, which was referenced in 2020 in the album by singer Luedji Luna, and the essay “Eu, mulher por uma nova visão de mundo”, by Paulina Chiziane. From the perspective of female authorship, we investigate the elements that evidence *Escrivência*, a concept created by Evaristo (2005) to designate writing that is permeated by the experiences of peripheral subjects. Our general objective was to show, starting from the reading of the authors' works, how life experiences, even in different places, are manifested in their writings, which show traces of approximation. For this, we use the thoughts of Evaristo (2008), when proposing *Escrivência*.

Keywords: Mozambican literature; *Escrivência*; Afro-Brazilian literature; Black women.

¹ Pós-graduanda em Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Universidade Aberta do Brasil (UAB), polo Redenção. E-mail: joycemaiadebarros87@gmail.com

² Professora Adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), campus dos Malês, BA. E-mail: josyanemalta@unilab.edu.br

1 Introdução

Paulina Chiziane é um grande nome da literatura feminina moçambicana. Afirmamos isso não como uma tentativa de tirar a visibilidade de diversas outras produções de mulheres no país, mas como uma forma de apontar um caminho de por onde começar a ler Moçambique sob uma ótica feminina. De modo semelhante, podemos apontar Conceição Evaristo como referência para a literatura afro-brasileira da atualidade, pois a partir de seus textos encontramos um retrato das vivências de mulheres negras, o mesmo que, por sinal, também acontece em Chiziane.

É a partir dessa visão, de grandes nomes da escrita literária feminina negra, que relacionamos ambas autoras, de forma a aproximar mais de nove mil quilômetros que separam Brasil e Moçambique. São escritas que, apesar da distância, de alguma forma dialogam entre si, uma vez que, como observa Kilomba (2020), há coisas que são comuns em países que passaram por um processo escravocrata. Afinal, foram diversas famílias arrancadas de países africanos pela colonização portuguesa, parte delas vieram para o Brasil. Como não pensar numa relação entre esses países? Nossa tentativa não é, como se fazia antes, buscar hierarquizar essas escritas, mas entender como a autoria feminina nesses países podem ser próximas.

Em 1994, em suas pesquisas no mestrado da Pontifícia Universidade Católica, Conceição Evaristo fazia relações entre as palavras “escrever” e “viver”, quando pensava nas histórias que as escravizadas tinham de contar para as pessoas da casa-grande. Dessas histórias contadas por negros e negras surge o conceito de escrevivência, que só toma proporção e visibilidade em 2015, quando em uma mesa, a escritora afro-brasileira fala sobre o termo. Em entrevista à revista do Banco Itaú, Evaristo diz que “a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente” (BRITO, 2015)³. Ou seja, é a partir das suas próprias vivências que algumas mulheres negras escrevem.

É na tentativa de encontrar os traços de escrevivência dentro das escritas de Paulina Chiziane e de Conceição Evaristo que esse artigo surge. Acreditamos que a escrevivência é utilizada pelas autoras, que escrevem a partir de suas vivências, perpassando sobre a interseccionalidade de serem mulheres negras que vivem em países que sofreram, e ainda sofrem, os abusos da colonização.

³ Itaú Social. **Seminário de escrevivência de Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/divulgacao/seminario-a-escrevivencia-de-conceicao-evaristo/> Acessado em 21 dez 2021.

Para isso, investigamos a presença da escrevivência nas obras: “Eu mulher... por uma nova visão de mundo”, de Paulina Chiziane, e no poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, de Conceição Evaristo. Para lermos criticamente sobre os textos, passamos uma discussão breve sobre o conceito de escrevivência e em seguida, apontamos dentro dos textos das autoras as escrevivências que se deixam evidenciar. Por fim, colocamos nossas considerações.

Esse artigo busca também colaborar com a literatura acadêmica sobre essas obras, que precisam ser discutidas e estudadas, pois, como sabemos, por muitos anos a escrita de autoria feminina, principalmente negra, vem passando por um processo de invisibilidade, como se essas autoras não fossem também protagonistas de suas histórias e responsáveis por uma construção identitária dos seus países. Tânia Macedo já apontava, no seu artigo, como mulheres escritoras em África e nas diásporas sofrem com a falta de visibilidade: “há pouca visibilidade da produção escrita feminina, ou seja, ainda que tímida, existe essa produção, porém tem recebido pouca atenção da crítica especializada, o que leva muitas vezes ao seu silenciamento.” (MACEDO, 2010, p.4). Assim, é na tentativa de dar a devida visibilidade às produções literárias de mulheres negras que esse artigo se apresenta.

2. Sobre a escrevivência de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito é a segunda filha mais velha de nove irmãos. Nasceu e viveu boa parte da vida na periferia de Belo Horizonte, na antiga favela Pindura Saia. De família pobre, Evaristo é um exemplo que contraria as estatísticas de mulheres negras. Quebrando muitos paradigmas, tornou-se pesquisadora e docente universitária, escritora, poetisa, romancista e um dos principais nomes da literatura afro-brasileira na contemporaneidade. Apesar da vida acadêmica, dos trabalhos e suas pesquisas de mestrado e de doutorado, é com escrita de poemas, contos e romances que Evaristo é reconhecida nacional e internacionalmente. “Ponciá Vicêncio” (2003), romance que aborda temas como racismo, gênero e escravização, é considerado o grande marco da escrita da autora, sendo traduzido em diversos idiomas. Outros textos ficaram nacionalmente conhecidos, como o romance “Becos da memória” (2006), e os livros de contos “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2011), “Olhos D’água” (2014), dentre outros.

Criado pelo Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), a editora e coletivo nacional Quilombohoje foi extremamente importante para a consolidação da escrita literária de Conceição Evaristo. A editora é responsável pela publicação dos Cadernos Negros que se tornou uma das mais importantes formas de divulgação do trabalho de escritores e escritoras negros e negras, publicando antologias anuais desde 1978, alternando os gêneros entre poesias e contos.

Como mencionado anteriormente, Conceição Evaristo vai além de escritora de livros literários, ela possui graduação em história, com mestrado e doutorado em estudos literários. Sua dissertação de mestrado intitulada “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, coloca em foco a discussão do que é literatura afro-brasileira, assunto pouquíssimo comentado na época de sua titulação. Já em seu doutorado, com o título “Poemas Malungos: cânticos irmãos”, ela centraliza as produções dos brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira, relacionando com a literatura do angolano Agostinho Neto.

O conceito que adotaremos aqui foi usado por Evaristo em 2005, durante um seminário sobre mulheres e literatura no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida à revista eletrônica PUCRS, a autora diz que a escrevivência já era feita desde seu mestrado, quando fazia um jogo de palavras “escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra escreviver” (EVARISTO, 2018).

Assim, Escrivência, para Evaristo, é a capacidade de escrever histórias que são perpassadas por questões intrínsecas aos indivíduos que as escrevem. Para ela, “todo indivíduo e toda coletividade têm direito ao seu auto pronunciamento, têm direito de contar/cantar sua própria história” (EVARISTO, 2011) e é partindo dessa visão que ela acredita na capacidade de negros/negras escritores/escritoras contarem histórias que vão muito além da fantasia, histórias capazes de causar reflexões sobre os corpos e narrativas que ali são representados.

Desta forma, não se trata apenas de usar uma temática, a escrevivência parte de uma autoria que utiliza das experiências culturais e sociais desses indivíduos para a partir delas tecer textos literários. Para Evaristo, a ficção é utilizada, nesse caso, como suprimento de uma carência epistemológica que apaga da História as vivências e contribuições de negros/negras tanto na África quanto nas diásporas. É com a tomada desse conceito que buscaremos entender a escrita da própria Conceição Evaristo e de Paulina Chiziane.

Como escolha da escrita de Conceição Evaristo tomamos um poema publicado no volume 19 dos Cadernos Negros, intitulado de “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. O poema voltou a ficar conhecido quando em seu álbum, “Bom mesmo é estar debaixo d’água”, Luedji Luna usa-o, na voz de Conceição Evaristo, para fazer uma intertextualidade discursiva. A música em que o poema é referenciado se chama *Ain't Got No*⁴. Na canção, a cantora brasileira declara explicitamente o local da mulher negra dentro da sociedade atual, como alguém que não possui o mínimo que outras pessoas poderiam facilmente conquistar. Em versos escritos em inglês, a letra fala do não possuir, ela diz, entre outras ausências, não ter casa, sapato, dinheiro, classe, saias, casacos, amor e fé.

I ain't got no home, ain't got no shoes
Ain't got no money, ain't got no class
Ain't got no skirts, ain't got no sweater
Ain't got no perfume, ain't got no bed
Ain't got no man
Ain't got no mother, ain't got no culture
Ain't got no friends, ain't got no schoolin'
Ain't got no love, ain't got no name
Ain't got no ticket
Ain't got no God
Ain't got no love
Ain't no love
(trecho da música *Ain't Got No* de Luedji Luna)

⁴ Música e letra disponíveis no site: <https://www.letras.mus.br/luedji-luna/aint-got-no-part-conceicao-evaristo/>. Acessado em: 27 nov 2021.

Logo após essa parte cantada, ainda no interior da canção, ouvimos a declamação do poema, como se Evaristo respondesse às falas de Luedji Luna. O poema, que dá continuidade à música, coloca como protagonista o ser feminino, tornando-o um ser divino. O jogo de sentido se dá a partir da relação com o astro que simboliza a feminilidade: a lua. O poema conforta as mulheres negras, afirmando que há olhos ancestrais que vigiam as lágrimas das que ainda hoje sobrevivem. A noite, então, se torna um momento de lembranças, sofrimentos e resistências. Culturalmente pensada como momento de descanso, a noite do poema ganha uma ressignificação, se tornando período em que olhos atentos vigiam e afastam de outras mulheres seus "cálices de lágrimas". E são as meninas luas, rainhas de histórias africanas - Ainás, Nzingas, Ngambeles -, as responsáveis por fazer essa vigia.

A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres,
A lua fêmea, semelhante nossa,
Em vigília atenta vigia
A nossa memória.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres,
Há mais olhos que sono
Onde lágrimas suspensas
Virgulam o lapso
De nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres
Vaginas abertas
Retêm e expulsam a vida
Donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
E outras meninas luas
Afastam delas e de nós
Os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
Pois do nosso sangue-mulher
De nosso líquido lembradiço
Em cada gota que jorra
Um fio invisível e tônico
Pacientemente cose a rede
De nossa milenar resistência.

(Conceição Evaristo, em Cadernos Negros, vol.19)

É no jogo de passado e presente, entre as histórias de mulheres negras, que a ancestralidade ganha forma no poema. A lua se torna o astro responsável por não deixar escurecer as memórias de mulheres negras que "retêm e expulsam a vida". É pensando na busca pela ancestralidade roubada pelo processo de escravização que identificamos a escrevivência na escrita do poema.

Em entrevista concedida ao canal Literaturas Brasileiras⁵, a autora enfatiza que a análise literária precisa perpassar, também, pelo local de escrita que o/a autor/autora se encontra. Ou seja, a análise precisa relacionar o gênero, raça e classe da pessoa que escreve, para identificar, o que Evaristo chama de: o ponto de vista da autoria. No caso do poema, percebemos que toda a experiência de vida de Conceição Evaristo e de seus pares é posta para criar uma narrativa feminina que busca religar-se às suas raízes negras.

⁵ Conceição Evaristo / Escrevivência. Entrevista concedida ao canal Literaturas Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acessado em 28 nov. 2021.

3. Sobre a escriturivência em Paulina Chiziane

Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana, nascida na cidade de Maputo, possui como linhas étnicas o chope e a ronga, aprendeu o português somente depois de alguns anos na escola. Chegou a cursar linguística, mas não concluiu o curso, pois na juventude se dedicou à Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), fundada em 1962. O grupo tinha por objetivo lutar pela independência de Moçambique que, até então, era dominado por Portugal, posteriormente, atuou na Cruz Vermelha durante a guerra civil. Desiludida com os rumos seguidos pelo partido que assumiu o poder após a independência, Chiziane afastou-se da política para se dedicar a vida literária se tornando a primeira mulher a publicar um romance no país.

Como escritora, iniciou seu legado ao publicar contos na imprensa. Como reflexo de sua trajetória política, sua escrita é marcada pela abordagem de questões sociais pertinentes e polêmicas ao contexto do país. “Balada de amor ao vento” (1990), seu primeiro livro, trata do estatuto do “eu feminino” em uma sociedade africana patriarcal e poligâmica. Para além dessa questão, as obras iniciais de Chiziane, refletem um país devastado pela guerra de libertação e pelos conflitos pós-guerra. Em 2002, publicou seu livro mais famoso: “Niketche: Uma História de Poligamia”, por essa obra ganhou o prêmio José Craveirinha, da Associação dos Escritores Moçambicanos. Sua última obra, Cantos dos Escravizados, livro de poemas lançado em 2017, revela uma ligação entre a África e as vozes de negros africanos que entoam nas diásporas, criando um laço que revela os legados de negros africanos e afrodescendentes.

Após percorrer esse longo e árduo caminho, no ano de 2016, em uma entrevista, a autora declara que deixará a escrita de lado: “escrevo porque quero e porque posso. Há um momento que é preciso dizer chega. Então, estou a tentar fazer este exercício de retirada, deixar o espaço para os outros.”⁶ A moçambicana também relata que a crítica ainda não sabe lidar com sua escrita e isso faz com que ela não seja valorizada e reconhecida em seu próprio país.

Como prova desse reconhecimento externo, mais recentemente, em 2021, Paulina Chiziane alcançou mais um grande feito: tornou-se a primeira mulher africana a vencer o prêmio Camões, conquistando a maior honraria conferida à escritores de língua portuguesa.

⁶ Entrevista completa no Portal Geledés, disponível no link: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/>. Acessado em 03 dez. 2021.

Suas palavras ao receber o prêmio apontam que talvez sua trajetória na literatura ainda não tenha chegado ao fim:

Não contava com isso. Recebi a notícia e disse: 'Meu Deus! Eu já não contava com essas coisas bonitas!' É muito bom. Esse prêmio é resultado de muita luta. Não foi fácil começar a publicar sendo mulher e negra. Depois de tantas lutas, quando achei que já estava tudo acabado, vem esse prêmio. O que eu posso dizer? É uma grande alegria. (CHIZIANE, 2021)⁷

O trabalho que aqui analisaremos, se trata de um testemunho escrito por Paulina Chiziane em 1992 e publicado em 1994 pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em antecipação da Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento de 1995. O título é “Eu, mulher... por uma nova visão de mundo”. A versão que utilizaremos é de 2013, publicada pela revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF. Fugindo um pouco da escrita literária, mas, sem perder a essência poética característica das obras de Chiziane, o ensaio foi desenvolvido para apresentar ao leitor os desafios que a moçambicana enfrentou e ainda enfrenta enquanto mulher negra e escritora. A vírgula que separa o “eu” da palavra “mulher” não é posta como mera forma casual, Chiziane ao fazer isso apresenta uma auto descrição, Eu, mulher, é uma afirmação de sua identidade feminina que carrega os traços de um escritora, negra e protagonista que cria e conta sua própria história.

No texto, encontramos uma divisão que pode ser representada por três eixos temáticos que são desenvolvidos: a religião, como início de um pensamento que define aquilo que é mulher em diferentes tradições; as mulheres moçambicanas dentro de um contexto tradicional e a escrita como forma de ultrapassar os locais estabelecidos para as mulheres. É seguindo essa linha de raciocínio, criado pela autora, que discutiremos o seu texto.

Iniciando a discussão sobre religiosidade, a autora apresenta a mitologia cristã. Dentro dessa crença a mulher semeou o pecado e como forma de punição o criador amaldiçoa seu sexo, tornando-a responsável por multiplicar os seres humanos. Neste caso, a maldição vem dos órgãos femininos, pois eles são fruto do pecado, sendo a punição divina. Na mitologia bantu, segundo ela, não houve punição como no cristianismo, mas também há uma hierarquia, em que o homem vem primeiro:

⁷ Entrevista no *O Globo*, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/escritora-mocambicana-paulina-chiziane-vence-premio-camoes-o-resultado-de-muita-luta-25244066>. Acessado em 03 dez. 2021.

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalísticas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa **sorte seria diferente se Deus fosse mulher**. (CHIZIANE, 2013, p. 200, grifo nosso)

Ao apresentar concepções sobre o que é ser mulher em diferentes religiões, a autora nos lança a reflexão de que a religião, na realidade, tem a função de normalizar e justificar a prática de poder de determinados sujeitos sobre outros. Na escravização, por exemplo, os europeus se utilizam de justificativas cristãs, apontando o negro ou o índio como seres sem almas.

A parte em negrito, grifo nosso, aponta um novo percurso histórico dentro da construção do texto. A partir da afirmação de que o mundo seria melhor se Deus fosse mulher, a moçambicana vai apresentar algumas figuras femininas que atingiram as esferas mais altas da sociedade e conseguiram romper com alguns sistemas de patriarcado. Cleópatra, para ela, é o melhor exemplo de um sistema em que a liderança feminina acontece. Todavia, apesar de seu poder e de seu governo, Cleópatra não se lembrou nunca das condições das outras mulheres que ao seu redor habitavam. Daí a conclusão de que não basta ser governada por mulher para que os problemas da humanidade sejam resolvidos. Para Chiziane, acreditar que uma rainha é a imagem e semelhança da deusa, não passa de uma ilusão, “A questão é muito mais profunda e não pode se superficializar com mitos e crenças.” (CHIZIANE, 2013)

Partindo para discussão sobre a realidade cultural das mulheres em Moçambique, Paulina Chiziane diz que toda essa reflexão tem por objetivo fazer com que ela encontre forças para enfrentar a sua realidade. Aqui, a autora já inicia um movimento extremamente semelhante ao de Conceição Evaristo, no que tange a escrevivência, para discorrer sobre a realidade de mulheres moçambicanas que vivem sobre os rígidos costumes tradicionais, ela se coloca como exemplo. Vejamos:

Na etnia Tsonga (minha etnia) quando uma rapariga nasce, a família e os amigos saúdam a recém-nascida dizendo: **hoyo-hoyo mati** (bem vindo a água), **atinguene tipondo** (que entre dinheiro), **hoy-hoy tihomo** (bem vindo o gado). O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo. (CHIZIANE, 2013, p. 201)

Seguindo esse exemplo, Chiziane começa a apresentar como as mulheres de sua convivência contavam histórias sobre dois tipos femininos: um de “boas qualidades, submissa, obediente, não feiticeira” em contraposição a uma mulher “má, feiticeira, rebelde, desobediente,

preguiçosa”. As boas mulheres, no final da história, eram recompensadas com um casamento feliz e diversos filhos. Como forma de contrapor a realidade das histórias fantasiosas, que sempre colocam a mulher como objeto de reprodução, Chiziane relembra as cantigas de lamento de sua mãe e de outras mulheres, que ao longo das tarefas domésticas ressonavam e lhe levavam a refletir os motivos dos homens não cantarem lamentos como as mulheres.

O texto evolui e seus relatos agora são sobre o ensino escolar. Para ela, ainda não havia muita diferença dos ensinamentos que eram repassados em casa quando o assunto era o lugar da mulher. A moçambicana relata que a escola também ensina sobre obediência e em como ser uma boa dona de casa, sempre de acordo com o princípio cristã. É nessa experiência, da semelhança entre a casa e a escola, que Chiziane começará a receber os nãos que são ditos às mulheres que não pretendem ser submissas: o desejo de ser pintora foi recusado, pois a arte era algo marginal. Foi na busca por outra coisa que não lhe deixasse refém ao seu local de mulher que os livros surgem. Mas a leitura dos clássicos não era algo acessível para ela, que se aventurava na literatura marginal, tendo acesso às outras literaturas, consideradas “verdadeira literatura”, só com o avanço dos anos escolares.

Paralelo ao avanço das leituras, a crítica da autora cresce e sua visão sobre os acontecimentos em Moçambique lhe trazem a necessidade de buscar formas de desabafo. O desabafo que aprendeu com sua mãe, por cantigas e em tarefas domésticas, já não era mais válido. Segundo Chiziane “essas coisas não eram suficientes para libertar a sua opressão e isso não lhe ajudaria a projetar a beleza do mundo em que ela sonhava.” É nessa necessidade de projetar suas ideias, partindo de sua realidade, que Chiziane começa a escrever suas próprias reflexões.

Chegamos ao terceiro momento do texto, em que a autora apresenta sua escrita e para que serve. Entendemos Chiziane como uma revolucionária, uma vez que nas palavras da autora “ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo”. A sua escrita chega como uma forma de empoderamento, de resistência, e como forma de romper a binaridade, colocando em pauta o lícito e ilícito para mulheres. Por meio de suas obras, que apesar de passar por questões pessoais, direciona-se para um coletivo, a autora marca o seu lugar de fala.

Para a filósofa e escritora contemporânea, Djamilia Ribeiro “O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”. (RIBEIRO, 2017, p.31) Percebemos que Paulina Chiziane ancora sua escrita em um lugar social que reflete em sua consciência de mulher, negra e subalternizada por uma sociedade machista e patriarcal. Dessa

forma, assim como Conceição Evaristo, o sistema passa a ser modificado, deixando de criar ficções e passando a escrever a partir de suas próprias vivências que partem da experiência individual caminhando para uma consciência de coletividade:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição de mulher inspirou-me e tornou-se o meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afetivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. (CHIZIANE, 2013, p. 202)

De acordo com Ahmed (2007), acreditamos que é necessário recriar um mundo para as mulheres, uma vez que em muitas sociedades a interpretação da mulher passa sempre pela sua serventia a um outro - homem. Essa denúncia, inclusive, é feita por Chiziane, ao comentar sobre sua rotina para conciliar suas várias atribuições:

No final da jornada de oito horas de trabalho regresso ao lar, muitas vezes exausta. Cuido da casa, da cozinha, e das crianças. Quando todos dormem é que eu escrevo porque necessito de tranquilidade e silêncio. Consigo conciliar estas atividades porque imponho sobre mim uma disciplina religiosa. Mas por vezes falho. [...] Não são poucas as vezes que a família reclama um pouco mais de atenção. Por vezes tenho tempo de cuidar da aparência e apareço na rua com um aspecto desastroso. [...] A escrita trouxe-me uma série de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a sua carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos, afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para realização dos seus desejos. Devo dizer que não há nada de heroico na minha luta, e, de resto, desfruto de todo o prazer que a escrita me proporciona. (CHIZIANE, 2013, p. 204)

Nesse trecho, percebemos o quão desafiador é para uma mulher subverter o lugar imposto pela sociedade, esse lugar de serventia e subalternidade que, muitas vezes, não lhe permite escolher que caminho seguir. Todavia, Paulina Chiziane revela-se esperançosa e otimista em relação ao futuro que ela tem ajudado a construir.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é o diálogo que a autora cria com sua cultura. MATTIA (2020) ao analisar a mesma obra, reflete sobre isso, e considera que ao Chiziane dizer que “Nós, seres humanos, também somos seres culturais, pensamos e agimos consoantes aos nossos valores, quer dizer, os valores que compartilhamos com nossa comunidade” (CHIZIANE, 2013), ela aponta lacunas que precisam ser preenchidas ou repensadas, mas nunca

se desliga de sua origem, pelo contrário, de forma estratégica, propõe mudanças que partem da própria tradição.

A obra de Paulina Chiziane, como vimos, parte dos aspectos mais intrínsecos à vivência da autora: desde suas experiências religiosas, passando por suas memórias de infância, entrelaçada com sua vida política e chegando até as mais maduras reflexões sobre o momento presente. O poema de Conceição Evaristo parte de uma mulher que reconhece em outras o seu poder. Chiziane faz um movimento semelhante, ao falar, como mulher, para outras mulheres que ainda não conseguiram “expulsar seus cálices de lágrimas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo, ao pensar em *Escrevivência*, abre espaço para análises literárias mais abrangentes, que inserem a necessidade de se analisar questões que ultrapassam o limite do texto literário. As autoras aqui estudadas compartilham realidades e vivências muito semelhantes e pudemos constatar que essas proximidades ultrapassam a esfera social, deixando evidenciar-se na forma que ambas escrevem.

Conceição Evaristo, ao escrever “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, busca criar, mesmo que no imaginário, um mundo melhor para si e para seus pares, o poema fala de lua, de mulheres negras rainhas, de resistência e de sororidade. Como já mencionado, é na busca pela África-mãe, ou seja, pela ancestralidade, que Evaristo revela sua *escrevivência*, passando pela história do povo negro brasileiro, que em maioria não (re)conhece sua origem e suas heranças ancestrais. A voz subjetiva da escritora ressoa no poema, como se não houvesse diferença entre aquilo que é conhecido como “eu lírico”. A *escrevivência* surge, então, como marca dessa escrita extremamente perpassada pela experiência individual e coletiva de mulheres negras no Brasil.

Paulina Chiziane no ensaio “Eu, mulher... por uma nova visão de mundo” expõe de forma nítida e clara a intrínseca relação entre a escrita que desenvolve e sua experiência de vida. Suas obras, como ela declara, surgem das suas inquietações, colocando em pauta as discussões que são pertinentes em Moçambique. Acreditamos que esse olhar apurado de Paulina Chiziane para os problemas políticos/sociais do país é reflexo de toda sua vivência enquanto militante.

No ensaio, a autora idealiza uma nova perspectiva de mundo para as mulheres que anseiam por liberdade e igualdade de direitos. Se no poema de Evaristo a *escrevivência* é revelada na busca pela ancestralidade, em Chiziane a *escrevivência* está relacionada à construção de uma realidade mais justa.

Mulheres negras, mesmo em lugares diferentes e com experiências de vida distintas, são tomadas pelas lembranças do colonialismo, que sempre as colocou em lugares de inferioridade. Subverter essa lógica, para as autoras, passa pela capacidade de contar e escrever suas experiências, que são transformadas em matéria prima de suas obras.

Em suma, ficou nítido que o processo de *escrevivência*, pensado por Conceição Evaristo, pode ser aplicado em Paulina Chiziane, uma vez que, como visto, a própria autora revela que suas experiências de vida são fundamentais para a construção de sua escrita. Todavia, acreditamos que as possibilidades investigativas desse fenômeno não se limitam aqui. Ainda é

necessário, posteriormente, uma análise mais aprofundada, que contemple diversas obras das autoras.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Living a Feminist Life**. Durham & London: Duke University Press, 2017.

“A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Entrevista de Conceição Evaristo concedida ao Itaú Social, 2010. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acessado em 16 nov. 2021.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos**: antigos irmãos. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana: vol. 5, nº 10; pp. 199-205, 2013. Disponível em: www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/114. Acesso em: 12 nov, 2021.

FREIRE, M. S. de L. KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 268-277, 2020.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170783> Acesso em: 07, dez, 2021

MACEDO, Tania. Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: A literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. Revista **Mulemba**. Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 2. P. 4-13, jan/jul 2010. Disponível em:

<https://doi.org/10.35520/mulemba.2010.v2n2a4682>. Acesso em 07 dez, 2021.

MATTIA, Marie Clara de. Eu mulher: a visão de Paulina Chiziane de um mundo para as mulheres. Revista **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Vol. 12; N. 22, p. 164-182.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/39823> Acesso em 07 dez, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.